



Caderno de  
Leituras n.173/24

Minha masmorra  
estremeceu

James Baldwin

Minha masmorra estremeceu – Carta a meu sobrinho na ocasião do centésimo aniversário da Emancipação

*My dungeon shook – Letter to My Nephew on the One Hundredth Anniversary of the Emancipation*

James Baldwin

Esta carta foi destinada por James Baldwin ao seu sobrinho no 100º. Aniversário da Emancipação dos Escravos, nos Estados Unidos, e foi publicada em: James Baldwin, “My Dungeon Shook. Letter to My Nephew on the One Hundredth Anniversary of the Emancipation”. In: *The fire next time*. Nova York: The Dial Press, 1963. A tradução foi feita por Felipe Vale da Silva, que gravou uma leitura em voz alta, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eJzUgaVu9wc>

Querido James,

Eu comecei a escrever esta carta cinco vezes e a rasguei nas cinco. Não paro de vislumbrar seu rosto, que é também o rosto de seu pai, meu irmão. Assim como ele, você é robusto, escuro, vulnerável, temperamental – com uma tendência bastante precisa de soar truculento pois não quer que ninguém pense que você é mole. É possível que você seja como seu avô nesse quesito, não sei; mas certamente você e seu pai se parecem muito com ele fisicamente. Pois bem, ele está morto, nunca olhou para você e teve uma vida terrível; foi liquidado muito antes de morrer pois, no fundo de seu coração, realmente acreditou no que a gente branca dizia a seu respeito. Essa é uma das razões pelas quais se verteu em alguém tão santo. Tenho certeza de que seu pai lhe contou algo a respeito disso tudo. Nem você nem seu pai mostram ter qualquer tendência à santidade: vocês, de fato, *vêm* de outra era, são parte daquilo que ocorreu quando o negro deixou o campo e veio para o que o falecido E. Franklin Frazier chamou de “cidades da destruição”. Você só pode ser destruído se acreditar realmente ser aquilo que o mundo branco chama de um neguinho, *a nigger*. Digo isso pois amo você; por favor nunca se esqueça disso.

Eu convivi com vocês dois por toda a vida; carreguei seu papai no colo e nos ombros; beijei-o e bati nele, além de tê-lo visto aprender a andar. Não sei se você conhece alguém há tanto tempo;

quando ama alguém por um período tão longo, primeiro como bebê, depois como criança, então como homem, você adquire uma estranha perspectiva acerca do tempo e da perseverança e dor humanas. Outras pessoas não são capazes de ver o que eu vejo ao olhar para o rosto de seu pai, pois por detrás daquele rosto, tal qual ele é hoje, estão todos aqueles outros rostos que já foram seus. Faça-o rir e eu enxergarei um porão do qual ele não se lembra mais, uma casa da qual ele não se lembra, e escutarei, em seu riso atual, o riso de criança. Faça-o esbravejar e eu recordarei dele caindo dos degraus do porão e uivando de dor, e recordarei, com pesar, de suas lágrimas que se deixavam enxugar por minhas mãos e pelas mãos de sua avó com tanta facilidade. Mas ninguém é capaz de enxugar as lágrimas que ele derrama hoje, imperceptivelmente – que se ouvem em sua risada e em seu discurso e em suas cantorias. Eu sei o que o mundo fez com meu irmão, e como ele se safou por pouco. Sei também – o que é bem pior, e este é um crime do qual acuso meu país e meus conterrâneos, que nem eu, nem o tempo, nem a História jamais perdoará – que eles destruíram e estão destruindo centenas de milhões de vidas sem reconhecerem e sem quererem reconhecer isso. É preciso – na verdade, é um dever – tornar-se rígido e filosófico no que diz respeito à destruição e à morte, pois essas são as áreas em que a humanidade tem sido mais competente desde que se tem notícia do homem. (Mas lembre-se: *a maioria* da humanidade não é *o todo* da humanidade.) No entanto, é inadmissível que os autores da devastação passem, simultaneamente, por ingênuos. É a ingenuidade que constitui seu crime.

Pois bem, meu caro xará, essa gente ingênuo e bem-intencionada, seus conterrâneos, fizeram com que você nascesse sob condições não muito distantes daquelas que Charles Dickens nos transmitiu da Londres de mais de cem anos atrás. (Posso escutar o coro dos ingênuos clamando: “Não! Isso não é verdade! Como você é *ressentido!*” – mas estou escrevendo esta carta para  *você*, para tentar lhe contar algo sobre como lidar  *com eles*, já que a maioria deles ainda não se deu conta de sua existência. Estou *familiarizado* com as condições em que você nasceu, porque eu estava lá. Seus conterrâneos *não*, e ainda não sabem nada a respeito. Sua avó esteve lá também e ninguém jamais a acusou de ser ressentida. Sugiro que os ingênuos confirmem com ela. Não é tão difícil encontrá-la. Seus conterrâneos não sabem, igualmente, que *ela* existe, embora ela seja a mulher que trabalhou para eles por toda suas vidas.)

Pois bem, você nasceu e então você veio, faz uns quinze anos. Embora seu pai, sua mãe e sua avó, averiguando as ruas pelas quais o carregavam e encarando as paredes para as quais o levavam, tivessem todos os motivos para ficarem pesarosos, eles não ficaram. Isso

porque lá estava você, grande James, batizado em minha homenagem – você era um bebezão, eu não –, lá estava você: para ser amado. Para ser amado, querido, intensamente, de uma vez por todas, e para sempre; para que assim se fortalecesse em um mundo sem amor. Lembre-se disto: eu sei quão obscuro o mundo parece para você hoje. Ele parecia ruim naquela época também em que, sim, nós vivíamos trêmulos. Não paramos de tremer ainda, mas, se não tivéssemos nos amado, nenhum de nós teria sobrevivido. E agora, você deve sobreviver porque lhe demos amor e por amor a seus filhos e aos filhos deles.

Este país ingênuo relegou você a um gueto onde, de fato, espera que você morra. Deixe-me esmiuçar precisamente o que eu quero dizer aqui, pois o assunto central está aqui, a raiz do meu conflito com meu país: você nasceu onde nasceu, e encara o tipo de futuro que está encarando, pois é preto, *por nenhuma outra razão*. Assim, espera-se que os limites de sua ambição estejam estabelecidos para sempre. Você nasceu em uma sociedade que expressa com clareza brutal, e de todos os modos possíveis, que você é um ser humano destituído de valor. Não se espera de você que aspire por excelência: espera-se que você faça as pazes com a mediocridade. Para onde quer que se vire, James, em sua curta estadia neste mundo, lhe dirão aonde você pode ir e o que lhe é permitido fazer (e também *como* você pode fazer), onde você pode morar e com quem pode se casar. Eu sei que seus conterrâneos não concordarão comigo a esse respeito e posso ouvi-los dizer: “você está exagerando”. Mas eles não conhecem o Harlem; eu conheço. Você também. Não aceite a palavra de ninguém, nem a minha – confie em sua experiência. Reconheça de onde você vem. Se você reconhecer de onde vem, não haverá limites para onde pode chegar. Os detalhes e os símbolos de sua vida foram deliberadamente construídos para fazê-lo crer no que a gente branca diz a seu respeito. Por favor, tente se lembrar de que aquilo em que eles creem, assim como o que fazem e o coagem a aguentar, não é testemunho de uma inferioridade sua, mas da desumanidade e do medo deles. Por favor, querido James, tente ter clareza, através da tempestade que recai sobre sua jovem cabeça hoje, sobre a realidade por detrás das palavras *aceitação* e *integração*. Não há motivos para você tentar ser como a gente branca e não há *nenhuma* base para o pressuposto que nutrem de que são *elas* que devem aceitar *você*. A coisa realmente terrível, velho camarada, é *você* ter que aceitá-los. E eu falo bem sério aqui. Você tem a obrigação de aceitá-los e aceitá-los com amor. Pois a essa gente ingênua não resta outra esperança. Com efeito, eles ainda estão encurralados em uma história que não compreendem; e até fazerem-no, não se verão livres da armadilha. Eles tiveram que crer por muitos anos, e por inúmeras razões, que homens negros são inferiores aos homens brancos. Muitos deles, de

fato, sabem que isso é uma bobagem, mas, como você descobrirá, as pessoas encontram muitas dificuldades para agir conforme aquilo que sabem. Agir é comprometer-se, e comprometer-se significa expor-se a perigos. Nesse caso, o perigo na mente da maioria dos americanos brancos é a perda de suas identidades. Tente imaginar como você se sentiria se acordasse certa manhã e descobrisse que o Sol está brilhando e, ao mesmo tempo, todas as estrelas estão acesas. Você se assustaria pois isso está fora da ordem natural. Qualquer perturbação no universo é aterrorizante, pois ataca, de modo profundo, o senso de realidade das pessoas. Pois bem, o homem negro atua no mundo do branco como uma estrela fixa, como um pilar imóvel; conforme ele se desloca de seu lugar designado, os céus e a Terra estremecem em suas bases. Mas, ei, não se assuste. Eu disse que ficou estabelecido que você morresse no gueto, morresse nunca sendo capaz de se sobrepôr às definições do homem branco, nunca sendo capaz de soletrar seu nome próprio. Você os contradisse, como muitos de nós o fizemos, nessa intenção; e, por força de uma lei terrível, de um paradoxo terrível, os ingênuos que criam que seu aprisionamento garantia a segurança deles estão perdendo o contato com a realidade. Esses homens, porém, são seus irmãos – seus irmãos mais novos, perdidos. Se a palavra *integração* significar algo, é isto: que nós, com amor, devemos coagir nossos irmãos a se enxergarem tal qual são, impedi-los de fugir da realidade e começarem, assim, a alterá-la. Isso porque este é o seu lar, meu amigo, e você não deve ser enxotado dele. Grandes homens realizaram grandes feitos aqui e voltarão a fazê-lo, e somos capazes de transformar a América naquilo que ela deve ser. Será difícil, James, mas você veio de uma linhagem vigorosa de camponeses; homens que colheram algodão, construíram barragens e ferrovias, e, perante as mais terríveis adversidades, conquistaram uma dignidade irreprimível e monumental. Você vem de uma longínqua dinastia de grandes poetas, alguns dos maiores poetas desde Homero. Um deles disse: “*No exato momento em que pensei estar perdido, minha masmorra estremeceu e meus grilhões caíram por terra.*”<sup>1</sup>

Você sabe, e eu sei, que este país está celebrando cem anos de liberdade cedo demais, cem anos antes do que devia. Não seremos livres enquanto eles não forem livres. Deus o abençoe, James, e boa sorte.

Seu tio,  
James

Dear James,

I have begun this letter five times and torn it up five times. I keep seeing your face, which is also the face of your father and my brother. Like him, you are tough, dark, vulnerable, moody—with a very definite tendency to sound truculent because you want no one to think you are soft. You may be like your grandfather in this, I don't know, but certainly both you and your father resemble him very much physically. Well, he is dead, he never saw you, and he had a terrible life; he was defeated long before he died because, at the bottom of his heart, he really believed what white people said about him. This is one of the reasons that he became so holy. I am sure that your father has told you something about all that. Neither you nor your father exhibit any tendency towards holiness: you really *are* of another era, part of what happened when the Negro left the land and came into what the late E. Franklin Frazier called "the cities of destruction." You can only be destroyed by believing that you really are what the white world calls a *nigger*. I tell you this because I love you, and please don't you ever forget it.

I have known both of you all your lives, have carried your Daddy in my arms and on my shoulders, kissed and spanked him and watched him learn to walk. I don't know if you've known anybody from that far back; if you've loved anybody that long, first as an infant, then as a child, then as a man, you gain a strange perspective on time and human pain and effort. Other people cannot see what I see whenever I look into your father's face, for behind your father's face as it is today are all those other faces which were his. Let him laugh and I see a cellar your father does not remember and a house he does not remember and I hear in his present laughter his laughter as a child. Let him curse and I remember him falling down the cellar steps, and howling, and I remember, with pain, his tears, which my hand or your grandmother's so easily wiped away. But no one's hand can wipe away those tears he sheds invisibly today, which one hears in his laughter and in his speech and in his songs. I know what the world has done to my brother and how narrowly he has survived it. And I know, which is much worse, and this is the crime of which I

accuse my country and my countrymen, and for which neither I nor time nor history will ever forgive them, that they have destroyed and are destroying hundreds of thousands of lives and do not know it and do not want to know it. One can be, indeed one must strive to become, tough and philosophical concerning destruction and death, for this is what most of mankind has been best at since we have heard of man. (But remember: *most* of mankind is not *all* of mankind.) But it is not permissible that the authors of devastation should also be innocent. It is the innocence which constitutes the crime.

Now, my dear namesake, these innocent and well-meaning people, your countrymen, have caused you to be born under conditions not very far removed from those described for us by Charles Dickens in the London of more than a hundred years ago. (I hear the chorus of the innocents screaming, “No! This is not true! How *bitter* you are!”—but I am writing this letter to *you*, to try to tell you something about how to handle *them*, for most of them do not yet really know that you exist. I *know* the conditions under which you were born, for I was there. Your countrymen were *not* there, and haven’t made it yet. Your grandmother was also there, and no one has ever accused her of being bitter. I suggest that the innocents check with her. She isn’t hard to find. Your countrymen don’t know that *she* exists, either, though she has been working for them all their lives.)

Well, you were born, here you came, something like fifteen years ago; and though your father and mother and grandmother, looking about the streets through which they were carrying you, staring at the walls into which they brought you, had every reason to be heavyhearted, yet they were not. For here you were, Big James, named for me—you were a big baby, I was not—here you were: to be loved. To be loved, baby, hard, at once, and forever, to strengthen you against the loveless world. Remember that: I know how black it looks today, for you. It looked bad that day, too, yes, we were trembling. We have not stopped trembling yet, but if we had not loved each other none of us would have survived. And now you must survive because we love you, and for the sake of your children and your children’s children.

This innocent country set you down in a ghetto in which, in fact, it intended that you should perish. Let me spell out precisely what I mean by that, for the heart of the matter is here, and the root of my dispute with my country. You were born where you were born and faced the future that you faced because you were black and *for no other reason*. The limits of your ambition were, thus, expected to be set forever. You were born into a society which spelled out with brutal clarity, and in as many ways as possible, that you were a worthless human being. You were not expected to aspire to excellence: you

were expected to make peace with mediocrity. Wherever you have turned, James, in your short time on this earth, you have been told where you could go and what you could do (and *how* you could do it) and where you could live and whom you could marry. I know your countrymen do not agree with me about this, and I hear them saying, "You exaggerate." They do not know Harlem, and I do. So do you. Take no one's word for anything, including mine – but trust your experience. Know whence you came. If you know whence you came, there is really no limit to where you can go. The details and symbols of your life have been deliberately constructed to make you believe what white people say about you. Please try to remember that what they believe, as well as what they do and cause you to endure, does not testify to your inferiority but to their inhumanity and fear. Please try to be clear, dear James, through the storm which rages about your youthful head today, about the reality which lies behind the words *acceptance* and *integration*. There is no reason for you to try to become like white people and there is no basis whatever for their impertinent assumption that *they* must accept *you*. The really terrible thing, old buddy, is that *you* must accept *them*. And I mean that very seriously. You must accept them and accept them with love. For these innocent people have no other hope. They are, in effect, still trapped in a history which they do not understand; and until they understand it, they cannot be released from it. They have had to believe for many years, and for innumerable reasons, that black men are inferior to white men. Many of them, indeed, know better, but, as you will discover, people find it very difficult to act on what they know. To act is to be committed, and to be committed is to be in danger. In this case, the danger, in the minds of most white Americans, is the loss of their identity. Try to imagine how you would feel if you woke up one morning to find the sun shining and all the stars aflame. You would be frightened because it is out of the order of nature. Any upheaval in the universe is terrifying because it so profoundly attacks one's sense of one's own reality. Well, the black man has functioned in the white man's world as a fixed star, as an immovable pillar: and as he moves out of his place, heaven and earth are shaken to their foundations. You, don't be afraid. I said that it was intended that you should perish in the ghetto, perish by never being allowed to go behind the white man's definitions, by never being allowed to spell your proper name. You have, and many of us have, defeated this intention; and, by a terrible law, a terrible paradox, those innocents who believed that your imprisonment made them safe are losing their grasp of reality. But these men are your brothers – your lost, younger brothers. And if the word *integration* means anything, this is what it means: that we, with love, shall force our brothers to see themselves as they are, to cease

fleeing from reality and begin to change it. For this is your home, my friend, do not be driven from it; great men have done great things here, and will again, and we can make America what America must become. It will be hard, James, but you come from sturdy, peasant stock, men who picked cotton and dammed rivers and built railroads, and, in the teeth of the most terrifying odds, achieved an unassailable and monumental dignity. You come from a long line of great poets, some of the greatest poets since Homer. One of them said, "*The very time I thought I was lost, My dungeon shook and my chains fell off.*"

You know, and I know, that the country is celebrating one hundred years of freedom one hundred years too soon. We cannot be free until they are free. God bless you, James, and Godspeed.

Your uncle,  
James

Caderno de Leituras n. 173 | 2024

Minha masmorra estremeceu – Carta a meu sobrinho  
na ocasião do centésimo aniversário da Emancipação

*My dungeon shook – Letter to My Nephew on the One  
Hundredth Anniversary of the Emancipation*

James Baldwin

Edição Maria Carolina Fenati, Paulo Maia

Tradução Felipe Vale da Silva

Revisão da tradução Mariana Lage

Revisão Andrea Stahel

Projeto gráfico Luísa Rabello

Coordenação da coleção Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Suisse Works

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, maio de 2024

Esta e outras publicações da editora estão disponíveis  
em [www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)